

MUSEU DOS BISCAINHOS

ROTEIRO



União Europeia
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Programa
Operacional da Cultura



MC

MINISTÉRIO DA CULTURA



Instituto Português de Museus



MUSEU DOS
BISCAINHOS

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Museu dos Biscaínhos. Roteiro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Museu dos Biscaínhos

Teresa de Almeida d'Eça

**Instituto Português de Museus/
Divisão de Divulgação e Formação**

Clara Mineiro

CONCEPÇÃO E TEXTOS

Teresa de Almeida d'Eça

Colaboração

José Costa Reis

Margarida Sotto-Mayor Moreira

FOTOGRAFIA

Instituto Português de Museus/
Divisão de Documentação Fotográfica

Coordenação

José Pessoa

Vitória Mesquita

Fotógrafos

Carlos Pombo

José Pessoa

Arquivo de Imagem do Museu
dos Biscaínhos

Jorge Barros

João Paulo Sottomayor

Miguel Louro

Luis Ferreira Alves

DESIGN

Studio Andrew Howard

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

xxxxxx xxxxx xxxxxxxxx

EDIÇÃO

© Instituto Português de Museus

Palácio Nacional da Ajuda, Ala Sul, 4º

1340-021 Lisboa

www.ipmuseus.pt

1.ª Edição

Lisboa, Julho de 2004

PAPEL

Gardapat 150gr

Modigliani Insize 145gr

TIPOS

Benton Sans

Giza

FFScala

TIRAGEM

1000 Exemplares

ISBN

972-776-218-2

DEPÓSITO LEGAL

xxxx xxxxxx xxxxxx

MUSEU DOS BISCAÍNHOS

Rua dos Biscaínhos, 4700-415 Braga

Tel. 253 20 46 50 - Fax. 253 20 46 58

E-mail. mbiscainhos@ipmuseus.pt

www.ipmuseus.pt

AGRADECIMENTOS

O Museu dos Biscaínhos agradece a cedência e autorização de publicação de imagens a: Arquivo Distrital de Braga/ Universidade do Minho, Biblioteca Nacional da Ajuda/ Instituto Português do Património Arquitectónico e Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

Índice

Apresentação 6

O Museu, História e Coleções 10

A Envolvente. Do império romano
ao senhorio arquiépiscopal

Casa e Jardins 12

Nobreza e esplendor

A origem do Museu 14

Ao encontro das Coleções 15

PERCURSO

Átrio e Escadaria 18

Representação e Poder

Sala de Entrada 24

Etiqueta e aparato

Salão Nobre 28

Opulência e Festa

Oratório 36

Intimidade e Devoção

Sala do Estrado 42

Obediência e Clausura

Salão de Música e de Jogo 48

Sensibilidade e Sociabilidade

Gabinete 54

Património e Cultura

Sala de Jantar 58

Pompa e Prazer

Claustro 64

Austeridade e Natureza

Aposentos 68

Dor e Felicidade

Cómodo de Escravos e Criados 72

Trabalho

Cavalaria 76

Tradição

Cozinha 80

Ancestralidade e Requite

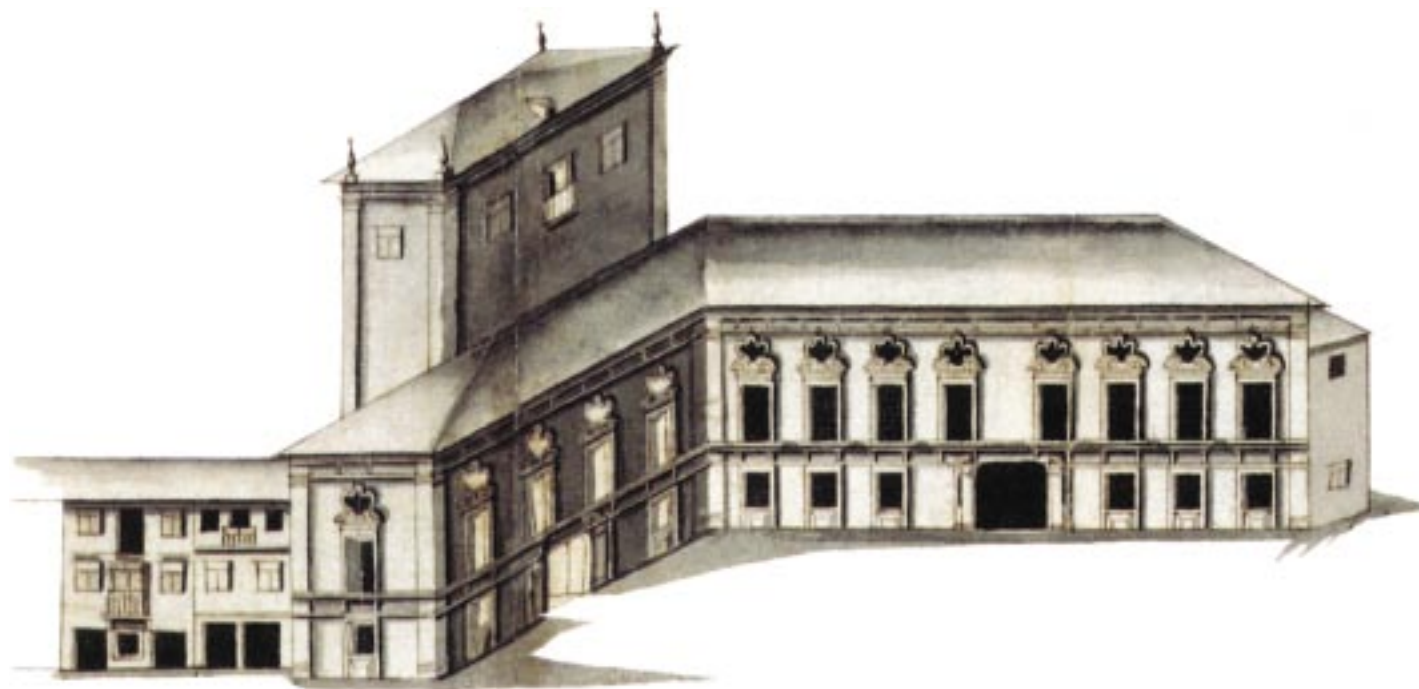
Jardins 86

Luz, Beleza e Espectáculo

Notas 96

Bibliografia 98





À ESQUERDA

Casa dos Biscaínhos. Desenho a tinta e aguada sobre papel. In *Mapa das Ruas de Braga*. 1750. Arquivo Distrital de Braga.

PÁGINA SEGUINTE

MAPPA/ (D)A/CIDADE/DE/BRAGA PRI/MAS. Cerca de 1755. André Ribeiro Soares da Silva (atrib.). IPPAR/BIBLIOTECA DA AJUDA.

Apresentação

O Museu dos Biscaínhos instala-se num notável conjunto integrado por Imóvel e Jardins, construído e ampliado ao longo dos séculos XVII e XVIII, manifestando-se como um significativo testemunho do Barroco, e com beneficiações que avançaram até à primeira metade do século XIX, o que permite uma visão continuada e sintetizadora da cultura de todo esse período.

A partir de meados da década de oitenta do século transacto, o organismo assumiu como programa científico-museológico a investigação e a divulgação

do quotidiano do Antigo Regime, época marcante para a História de Portugal.

A decisão decorreu de uma ponderada avaliação que considerou diversos factores:

- ao nível de um desejável interrelacionamento da instituição museológica com a envolvente em que se insere, a relevante importância do Barroco para a região do Minho e com particular incidência para a cidade de Braga, palco de um destacável incremento, fruto do poder arquiépiscopal;

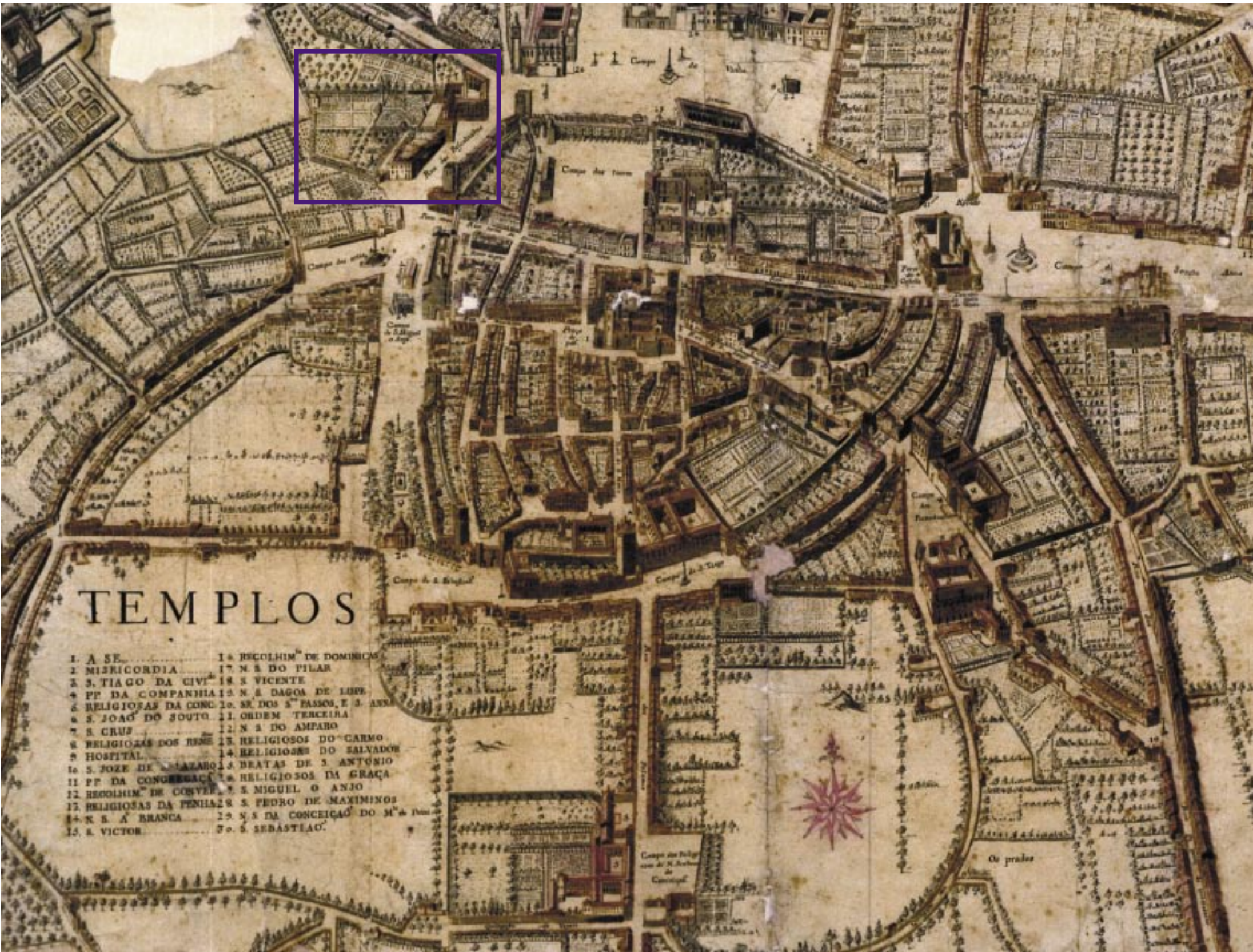
- a preservação da estrutura original do palácio e jardins, e a caracterização deste património que se estende historicamente do Barroco ao Neoclassicismo e Império;
- a coerência da articulação dos pontos supra com as colecções do acervo do museu, nomeadamente, de Artes Decorativas, Pintura, Escultura e Gravura, datáveis das centúrias em foco.

O actual conteúdo temático apresenta-se como uma abordagem dos séculos XVII a princípios de XIX, espelhada no mundo interior e privacidade domésticos de uma Casa Senhorial.

No âmbito do projecto global do Museu, o presente roteiro proporciona um percurso contextualizado pelos gostos, tradições, emoções, arte, pensamento e vida da sociedade portuguesa do período em análise.

Museu dos Biscaínhos, 2004.

Teresa de Almeida d'Eça



TEMPLOS

- | | |
|-------------------------|---------------------------------------|
| 1. A SE. | 18. RECOLIM. DE DOMINIC. |
| 2. MISERICORDIA | 17. N. S. DO PILAR |
| 3. S. TIAGO DA CIVIL | 18. S. VICENTE |
| 4. PP. DA COMPANHIA | 19. N. S. D'AGUA DE LULA |
| 5. RELIGIOSAS DA CONC. | 20. SE. DOS S. PASSOS, E S. ANA |
| 6. S. JOAO DO SOUTO | 21. ORDEM TERCeira |
| 7. S. CRUZ | 22. N. S. DO AMPARO |
| 8. RELIGIOSAS DOS REIS | 23. RELIGIOSOS DO CARMO |
| 9. HOSPITAL | 24. RELIGIOSOS DO SALVADOR |
| 10. S. JOSE DE SAZAR | 25. BRATAS DE S. ANTONIO |
| 11. PP. DA CONGREGAC. | 26. RELIGIOSOS DA GRAÇA |
| 12. RECOLIM. DE CONVEL. | 27. S. MIGUEL O ANJO |
| 13. RELIGIOSAS DA PENHA | 28. S. PEDRO DE MAXIMINOS |
| 14. N. S. A BRANCA | 29. N. S. DA CONCEICAO DO M. de Pous. |
| 15. S. VICTOR | 30. S. SEBASTIAO. |

O Museu, História e Colecções

A Envolvente. Do império romano ao senhorio arquiepiscopal

A urbe bracarense, com profundas e densas raízes no tempo, percorreu dois milénios de História antecedendo a formação da nacionalidade. Surgiu de aglomerados habitados pelos Bracaros que, nos finais do século I a.C., foram surpreendidos pelo poder do império romano.

Bracara Augusta, a cidade romanizada, beneficiada por uma surpreendente expansão foi elevada à categoria de capital da província romana da Galécia no século III d.C..

Desde esse longínquo passado, a cristandade teceu a alma da cidade cujo primeiro bispo foi sagrado por volta do ano 400.

Seguiram-se invasões de diferentes povos, como os suevos, os visigodos e os árabes, estes últimos no princípio do século oitavo.

Reagindo a tempos de agressões sucessivas, iniciou-se a reabilitação de Braga no século XI. Na centúria seguinte, a emergente coroa portuguesa, pelo apoio prestado nas lutas para a fundação do País, ofereceu o feudo da cidade e do seu termo aos arcebispos que a governaram como senhores absolutos.

No corredor do tempo destacaram-se vultos notáveis que esculpiram a História, nomeadamente, o Arcebispo D. Diogo de Sousa que, no século XVI, imprimiu na urbe uma nova escala, simultaneamente humanista e grandiosa, propulsionando a génese de um crescimento desde então imparável.

A nível nacional, o século XVIII correspondeu a um período de significativa prosperidade económica, decorrente do ouro, diamantes e produtos agrícolas provenientes da colónia brasileira. Acrescidamente, a expansão do milho mais na metrópole proporcionou um incremento expressivo, especialmente no Noroeste.

Em meados de Setecentos, Braga continha cerca de 17.000 habitantes e apresentava um comércio forte e uma indústria significativa com produção de sinos, velas, sedas e damascos, ourivesaria, latoaria e curtumes.

Oficinas de marcenaria, escultura, talha e pintura proliferavam.

No seio do Minho e de Braga em particular, a arte encontrou condições favoráveis a um especial desenvolvimento. No estímulo de servir o Divino, os arcebispos, detentores de forte poder, fomentaram intensivamente as diferentes expressões que engrandeceram o complexo citadino.

Os prelados privilegiaram as edificações de cariz religioso, a que se juntaram algumas casas senhoriais da nobreza nortenha, modelando a cidade com um carácter monumental, que os séculos XVII e XVIII, tempos áureos do Barroco, consolidaram em riqueza e opulência.

Em 1750, o Cabido da Sé, a fim de organizar o seu vasto património construído que integrava parte significativa de Braga, promoveu um conjunto de levantamentos que se constitui hoje como um raro instrumento a nível mundial, de conhecimento e de interpretação da realidade de uma urbe europeia do século XVIII: o “Índice dos Prazos das Casas do Cabido” e o “*Mappa das Ruas de Braga*” – este último “de valor inestimável para o estudo da sociologia, do urbanismo, da arquitectura e da história da arte”¹ - correspondendo ao desenho das fachadas de 4.064 casas então existentes.

De cerca de 1755 data um outro documento de grande interesse, o “*MAPPA (D)A CIDADE DE BRAGA PRIMAS*”, atribuído a André Soares, com um registo minucioso de pormenores, definindo o traçado urbano e respectiva toponímia, assinalando trinta templos, entre igrejas, capelas, conventos e seminários, assim como edifícios públicos e privados.

Casa e Jardins

Nobreza e esplendor

De referir alguns dos numerosos artistas que aqui viveram ou trabalharam como Manuel Fernandes da Silva, André Soares, Carlos Amarante, Frei José de Santo António Vilaça, Marceliano de Araújo, Manuel Furtado de Mendonça e Agostinho Marques, entre muitos outros.

O período em foco notabilizou-se por um extraordinário sentido de pompa, sumptuosidade, luxo e ostentação que se manifestou através da Festa Barroca, sagrada e profana, tendo atingido elevados níveis de realização.

Em Braga, sucederam-se as procissões, os cortejos de gala, as touradas, os torneios e cavalhadas, os jogos, as mascaradas, as comédias, as luzes, o tocar de sinos, os fogos de artifício, os teatros, as assembleias e os outeiros com orquestras².

Em síntese, diremos que o Museu dos Biscaínhos se insere numa envolvente com um significativo contexto histórico-artístico que enfatiza a importância da actual componente programática.

“A Casa é um documento autêntico da vida do homem... Na Casa está resumido todo um estilo de vida, por isso ela é o elemento importantíssimo para o estudo de uma sociedade, em qualquer época que se considere.” Carlos de Azevedo

A Casa dos Biscaínhos situa-se fora do circuito medieval das muralhas da cidade, inserindo-se na rua de que tomou o nome,³ que faz a ligação entre duas importantes áreas urbanas, o campo da Vinha e o das Hortas.

O Dr. Constantino Ribeiro do Lago foi uma das personalidades gradas da época em que viveu (1619-1686). Casou com D. Maria de Sousa e Silva, proprietária da Casa, no dia 21 de Setembro de 1655⁴.

Inácio José Peixoto, bracarense ilustre que viveu no século XVIII, nas suas *Memórias*,⁵ diz-nos acerca daquele:

“(...) Dezembargador secular e ouvidor que foi nesta cidade e procurador-geral da Mitra. Este menistro era homem de grandes talentos e merecimentos porque foi procurador nas Cortes do ano de 1667 não só da cidade mas da Província, sem sallario e por voto delle se resolverão varias cousas (...). E neste se pode diser principiou a lusir esta nobre casa”⁶.

D. Francisco Pereira da Silva, terceiro filho do procurador e Deão do Cabido da Sé, homem muito poderoso, promoveu um significativo engrandecimento do imóvel,⁷ para cuja obra convidou Manuel Fernandes da Silva, um dos artífices mais qualificados a trabalhar em Braga onde desenvolveu uma notável obra, simultaneamente como arquitecto e mestre pedreiro, desde finais do século XVII até meados da centúria seguinte.

A 26 de Novembro de 1712, o Deão celebrou um contrato⁸ para ampliação das suas casas sitas na Rua dos Biscaínhos, sendo provavelmente da autoria daquele artista a actual fachada em L, comum na arquitectura

Barroca desta centúria. De referir que o mestre de pedraria realizou uma maqueta em papelão.

No enquadramento desta obra se deverá ter construído o imponente Salão Nobre, datável do primeiro quartel do século XVIII, integrador de fórmulas artísticas caras ao Barroco.

Considerando que a linha axial do Jardim constitui um prolongamento da entrada principal da nova fachada, poderemos presumir que a área verde terá sido igualmente estruturada no âmbito desta significativa valorização⁹. Convém recordar que o encomendador, como Deão do Cabido, era a segunda personalidade na hierarquia religiosa bracarense, pelo que a representação do seu poder se torna coerente com tão ambicioso projecto.

Ainda na primeira metade do século XVIII, a ala norte do palácio, voltada para a Rua dos Biscaínhos, recebeu mais um piso, abrindo-se por óculos já ao gosto de um barroco tardio. A datação desta intervenção é fundamentada pelo desenho do edifício que referencia a alteração, enquadrado no *Mappa das Ruas de Braga*, de 1750, documento já oportunamente mencionado.

Observando o *“Mappa da Cidade de Braga Primaz”* (c. 1755), podemos constatar que o conjunto dos

Biscaínhos (imóvel e jardins) se apresenta como uma das mais importantes casas senhoriais bracarenses.

Supõe-se que por ocasião do casamento de D. Maria Angelina de Eça Montenegro com Damião Pereira da Silva de Sousa de Meneses, realizado em 1791, – de cujo enlace viria a nascer o 1.º Conde de Bertandos –, o imóvel terá recebido valorizações, identificáveis com a criação da Sala de Jantar, tal como hoje se apresenta ao público, com pinturas nas paredes, lambris azulejares neoclássicos e tectos ornamentais com estuques e pinturas de paisagens.

Daquele período e entrando no século XIX, serão presumivelmente alguns dos outros tectos do palácio ornamentados com estuques artísticos associados assiduamente a pinturas, igualmente neoclássicos.

Consideram-se do início do século XIX, as decorações de interiores concretizadas na ala voltada a Norte, com pinturas parietais e de tectos, ao gosto do estilo Império, com motivos de águias, abelhas e coroas de louro, entre outros.

É este património que a História veio a permitir que se transformasse em museu e se colocasse ao serviço de todos.

A origem do Museu

A 24 de Fevereiro de 1954, em reunião da Junta de Província do Minho, o então presidente, Dr. Felicíssimo do Vale Rego Campos, considerando a desafiada situação económica deste órgão e no âmbito das respectivas atribuições, apresentou uma proposta para a criação de um museu, para o que obteve imediata aprovação.

A concretização do projecto viabilizou-se cerca de uma década mais tarde, a 25 de Março de 1963, com a aquisição do Palácio dos Biscaínhos, ao 3.º Visconde de Paço de Nespereira, Dr. Gaspar Lobo Machado do Amaral Cardoso de Meneses.

Tratava-se de uma extraordinária oportunidade face à expressiva qualidade histórico-artística, dimensional e de localização urbana central do conjunto, que se encontrava classificado de Interesse Público, pelo Decreto n.º 37.366 de 5 de Abril de 1949.

O processo teve continuidade com a afectação, em 1964, do Arquitecto Alberto da Silva Bessa, então director da Direcção-Geral dos Edifícios e dos Monumentos Nacionais do Norte,

para a elaboração do projecto de restauro do imóvel e de adaptação do mesmo a instituição museológica.

Concluídas as obras de recuperação, o Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, elemento integrante do corpo administrativo da Junta, desenvolveu uma dinâmica de sensibilização da comunidade visando a canalização de colecções para a formação do acervo do futuro Museu.

Para a apresentação museológica, foi constituída uma Comissão Instaladora integrada pelas Exmas. Senhoras Dra. Maria Emília Amaral Teixeira e Dra. Maria Clementina Quaresma e pelo Arq. Roberto Leão. O Museu dos Biscaínhos abriu ao público a 11 de Fevereiro de 1978.

A 17 de Março de 1987, o Decreto-lei n.º 133, transferiu a gestão técnico-administrativa do Museu dos Biscaínhos da Assembleia Distrital de Braga¹⁰ para o âmbito do então Instituto Português do Património Cultural e, em 1991, o organismo transitou para o Instituto Português de Museus, a que se encontra actualmente afecto.

Ao encontro das Colecções

As colecções do Museu dos Biscaínhos foram estruturadas a partir de doações e legados de beneméritos bracarenses, nomeadamente, os Exmos. Senhores Dr. José Maria da Costa Júnior e Esposa, Exma. Senhora D. Maria Celeste Ribeiro da Costa Júnior, e Exma. Senhora D. Maria Delfina Gomes da Silva e Matos de Sousa Cardoso. O espólio foi sendo ampliado por sistemáticas ofertas e depósitos de particulares e de organismos públicos.

As actuais colecções enquadram Artes Decorativas, referindo-se Mobiliário, Cerâmica portuguesa, europeia e chinesa, Vidros portugueses e europeus, Têxteis, Ourivesaria, Metais e Armas, entre outros.

O acervo integra ainda Pintura portuguesa e europeia, Escultura, Desenho, Gravura, Meios de Transporte e Etnografia. O núcleo de Arqueologia encontra-se em regime de depósito no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, localizado nesta cidade.

